

# LINGUASAGEM

## O LÉXICO NA (DES)CONSTRUÇÃO DAS CERTEZAS: UMA ANÁLISE SEMÂNTICO-ENUNCIATIVA DA CARTA ABERTA AO MOVIMENTO #342 AGORA

Carolina de Paula MACHADO<sup>1</sup>

### Resumo

Um vídeo intitulado # *Intervenção é Farsa* do Movimento #342 faz uma crítica contra a intervenção militar no Rio de Janeiro para conter a criminalidade ocorrida em 2018. Em resposta, uma Carta Aberta circula na internet opondo-se às críticas feitas pelo movimento. Este embate chamou nossa atenção, especialmente pelas palavras que são usadas para referir e (des)qualificar o discurso outro, expondo em seu lugar as suas “certezas”. Propomos então analisar, a partir da Semântica do Acontecimento, o léxico (substantivos, adjetivos, verbos) através do qual o autor retoma as críticas feitas pelo movimento # 342, tentando desconstruir as suas certezas. O léxico utilizado na carta denuncia os lugares sociais dos quais enuncia o Locutor da carta, produzindo-se, assim, uma ‘certeza’ construída a partir desses lugares. Fazendo uma releitura do conceito de *certeza* de Wittigenstein (1969) a partir da Semântica da Enunciação, que trata a enunciação como um acontecimento, observamos que na alocação da Carta Aberta com o vídeo a que se opõe, certezas são substituídas por outras certezas num movimento político de exposição da opinião do locutor contrária ao vídeo.

**Palavras-chave:** certeza; sentido; político; enunciação; Movimento # 342.

### The Lexicon in the (des)construction of certainties: a semantic-enunciative analysis of the open letter to the *Movement #342 Now*

#### Abstract:

A video entitled #*Intervention is Fake from Movement #342* criticizes against the military intervention in Rio de Janeiro to contain the criminality occurred in 2018. In response, an Open Letter circulates on the internet opposing to the criticisms made by the movement. This clash caught our attention, especially for the words that are used to refer to and to (de)qualify the other's discourse, exposing in its place its “certainties” instead. We propose to analyze, from the Semantics of the Event, the lexicon (nouns, adjectives, verbs) through which the author resumes the criticisms made by movement #342, trying to deconstruct its certainties. The lexicon used in

<sup>1</sup> Professora do Departamento de Letras da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). E-mail: carolinapmac@gmail.com.

the letter points out the social places from which the Speaker announces the letter, thus producing a 'certainty' built from these places. By making a rereading and reinterpretation of the concept of *certainty* from Wittgenstein (1969) and based on the Semantics of the Enunciation, which treats the enunciation as an event, we observe that in the speech of the Open Letter with the video to which it opposes to, the certainties are replaced by other certainties in a political movement of opinion exposure from the speaker that is divergent with the video.

**Keywords:** certainty; meaning; political; enunciation; Movement # 342.

### Apresentação

O intuito deste artigo é o de apresentar uma análise sobre a certeza com que o autor de um blog, a partir do vocabulário mobilizado por ele, critica, em uma Carta Aberta, a posição exposta pelo movimento “#342 agora” contrária à intervenção militar federal no Rio de Janeiro que aconteceu em ano de 2018<sup>2</sup>. O movimento fez um vídeo intitulado “#Intervenção é farsa” e é sobre ele que a Carta Aberta se refere para construir seu sistema de certezas sobre a eficácia da intervenção.

A intervenção militar federal no Rio de Janeiro foi uma das medidas do governo Michel Temer, dentre muitas outras, que geraram muita polêmica entre os políticos e opinião pública. Vemos muitas vezes a afirmação da “necessidade absoluta” de certas medidas no discurso político, o apelo à veracidade dos dados/fatos contra o que se costuma chamar de “inverdades”, o uso de notícias falsas (*fake news*) para se defender pontos de vista, etc. Em meio a esse cenário tão volátil, mas efetivo na produção de adesões apaixonadas e de sentidos que se tornam evidências, potencializado pelas mídias sociais, os argumentos são um dos elementos usados no discurso político para difundir as “certezas” e as palavras que constituem estes argumentos são fundamentais para esse funcionamento.

Nosso objetivo é analisar o modo como se dá a certeza na Carta Aberta, isto é, como a refutação é construída na resposta que é dada para a opinião contrária à intervenção militar trazida pelo vídeo. Voltaremos nosso olhar para os recursos linguísticos que fazem parte da construção do texto da carta, mais especificamente as

---

<sup>2</sup> A intervenção militar federal no Rio de Janeiro teve início em 16 de fevereiro de 2018. Trata-se de uma medida constitucional que permite que a União intervenha na segurança pública do estado. Essa medida impede que emendas constitucionais sejam votadas. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2018/08/intervencao-federal-no-rj-faz-6-meses-entenda-o-que-aconteceu-ate-agora.shtml> ; <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2018/09/temer-admite-suspender-intervencao-militar-no-rio-para-votar-previdencia.shtml> Acesso em: 08/11/2018.

palavras mobilizadas pelo autor do blog que constituem designações específicas que fomentam a certeza do discurso do autor<sup>3</sup> do blog.

O vocabulário da Carta aberta entra em cena para caracterizar aqueles que participaram do vídeo publicado pelo movimento # 342 Agora e o que é dito por eles. Essa caracterização dos alocutários por meio do léxico funciona, como veremos, para desconstruir as certezas do movimento e, assim, formar o sistema de certezas que o autor da carta busca construir para defender sua posição sobre a intervenção militar.

Wittgenstein (1969) trata do modo como proposições surgem, derivam de outras, sem, contudo serem provadas, e, no entanto, sem que se duvide do que se diz. O modo como se diz, isto é, mecanismos linguísticos são utilizados de forma que a certeza faça sentido. Quando se afirma “Eu sei que...”, por exemplo, o “eu” coloca com esta “fórmula” linguística a certeza sobre algo que dificilmente se questiona. A possibilidade do convencimento, segundo o autor, faz parte do jogo de linguagem. E é justamente isso que está em presente no dizer político, o convencimento e, para isso, proposições são afirmadas como certezas. E como a certeza se instala como efeito de sentido na “Carta Aberta” que propomos analisar? Como isso é feito pela linguagem, mais especificamente pelas palavras no funcionamento semântico-enunciativo da carta?

### **Acontecimento Enunciativo, Espaço de enunciação, Cena enunciativa**

Para realizar nossas análises, utilizamos os conceitos teóricos e metodológicos da Semântica da Enunciação. Neste quadro teórico, três conceitos interligados são mobilizados para tratar da constituição da significação que produz a certeza na enunciação do texto que analisaremos.

O *acontecimento enunciativo* dá-se no *espaço de enunciação* em que temos as *cenar enunciativas* como “especificações locais” (Guimarães, 2002, p. 23) desse espaço. Segundo Guimarães, “a enunciação, que produz sentidos, é, [...], o acontecimento do funcionamento da língua num espaço de enunciação.” (2018, p. 22). O espaço de enunciação não é um espaço físico, o lugar é apenas um elemento que faz parte deste espaço. O que o caracteriza é a relação conflituosa, e por isso política, entre línguas e falantes. Os falantes não tratados em seu aspecto físico, mas como “figuras linguísticas”, e as línguas, em constante divisão, em conflito, agenciam os falantes,

---

<sup>3</sup> *Discurso* e *autor* são usados em seus sentidos comuns: *discurso* é o que o autor diz na carta e *autor* é aquele que se responsabiliza e assina a carta.

distribuindo o dizer de modo desigual. Trata-se portanto de um espaço político, sendo o político entendido aqui como a

[...] oposição entre afirmação da igualdade em conflito com uma divisão desigual do real produzida enunciativamente pelas instituições que o organizam: organizam os lugares sociais e suas relações identificando-os (ou seja, atribuindo-lhes sentido), e recortam o mundo das coisas significando-as. Por este conflito, o real se divide e redivide, se refaz incessantemente em nome do pertencimento do todos no todos. (GUIMARÃES, 2018, p. 50)

Guimarães (2018), retomando trabalhos anteriores, define o acontecimento “como o que faz diferença na sua própria ordem”(p. 37) . A diferença dá-se porque o acontecimento é que define a sua *temporalidade de sentidos*, isto é, enunciações passadas, o que ele denomina como memorável, apresentam-se como sentido no presente da enunciação que se articula com esse passado. Isso significa que algo das enunciações passadas é rememorado no presente da enunciação produzindo-se outros sentidos. Disso, sentidos são projetados, configurando-se que Guimarães chama de futuridade, isto é, a possibilidade de outras enunciações.

Uma questão importante é que o dizer não é neutro, sobre o falante pesam os lugares sociais dos quais ele fala. Além disso, os modos de dizer, figura enunciativa denominada de enunciador, também afetam o que se diz pois é como se o falante estivesse fora das relações sociais e fora da história. “Ou seja, o acontecimento da enunciação agencia o falante a dizer enquanto um lugar de enunciação, como lugar que enuncia.”(p. 41)

Buscamos descrever, nas cenas enunciativas, o modo como o sujeito, enquanto falante no espaço de enunciação, é agenciado na enunciação da carta e designa o **Movimento #342** e o vídeo produzido por ele.

A designação é definida como

o que se poderia chamar de significação de um nome, mas não enquanto algo abstrato. Seria a significação enquanto algo próprio das relações de linguagem, mas enquanto uma relação linguística (simbólica) remetida ao real, exposta ao real, ou seja, enquanto uma relação tomada na história. (GUIMARÃES, 2002, p. 09)

A cena é caracterizada pela categoria de Locutor (L) como o *lugar que diz*, responsável pelo dizer. Este Locutor fala para alguém, seu Locutário (LT). Mas este Locutor enuncia, agenciado pela enunciação, de um ou mais lugares sociais, ou seja, é um alocutor-x (al-x), sendo a variável preenchida pelo lugar social de que fala. Numa

alocução, o agenciamento enunciativo constitui não apenas o alocutor-x. Este institui aquele para quem diz, um lugar correlato seu, chamado de alocutário-x (at-x).

A disparidade própria da divisão do falante no acontecimento de enunciação é por si política. De um lado, o Locutor significa ser o responsável pelo dizer, pela unidade do dizer do texto. Por outro lado, o lugar social do dizer (alocutor) significa, no confronto com o Locutor, a significação da não unidade, da não intencionalidade de quem diz. De outra parte, o dizer de um alocutor (xi), por exemplo, está em conflito com o dizer de outros lugares de alocutor (xj, l). (GUIMARÃES, 2018, p. 58)

É esta divisão do Locutor, numa alocução marcada pelo conflito entre os diversos lugares sociais que ocupa, é que o leva a caracterizar a enunciação como politópica.

O modo de dizer do Locutor o caracteriza como Enunciador. Esse modo de dizer pode ser um dizer universal, genérico, coletivo ou individual. A questão é que o Locutor se representa nesses casos como se falasse independentemente do lugar histórico e social que o agencia.

Assim é que ao analisar um texto, um enunciado e/ou as palavras que o integram, buscamos descrever o ‘fazer sentido’, na relação com o memorável, isto é, com as enunciações passadas e com o presente da enunciação, e interpretar os sentidos projetados por esse acontecimento. Buscaremos reconstruir a cena enunciativa descrevendo-se as relações Locutor(L)-Locutário(Lt); alocutores(al x, y,...)- alocutários (at-x, y,...) e enunciadores.

### **Seleção do *Corpus* e Procedimento de análise**

Nas discussões políticas dos últimos anos, desde o *impeachment* da então presidenta Dilma Rousseff até as campanhas presidenciais de 2018, chamou-me a atenção o fato de que as pessoas sempre tinham certeza sobre aquilo de que falavam, algo que não é novo, mas que tornou-se “ruidoso” para mim uma vez que as discussões sobre política se acirraram muito. Partindo da discussão sobre a *certeza* de Wittgenstein que realizamos no grupo de pesquisa Léxico, Enunciação, Discurso (LED)<sup>4</sup>, aliada à teoria da Semântica da Enunciação na qual nos inserimos, não busquei identificar qual

---

<sup>4</sup> Grupo de pesquisa coordenado pela Profa. Dra. Sheila Elias de Oliveira (Unicamp), inscrito na plataforma do CNPq. O projeto de pesquisa que é desenvolvido no interior do grupo intitula-se “A certeza como efeito de sentido na linguagem”, coordenado pela profa. Sheila e por Vinícius Massaud Castro.

certeza é “verdadeira” ou “quem tem razão”, mas compreender como são construídos na enunciação esses discursos<sup>5</sup> que se dão como certezas.

Assim, tomamos como objeto de análise uma das medidas do governo Michel Temer que gerou bastante polêmica. Vamos tomá-la como representativa do choque de certezas que nos chamou a atenção. Trata-se da intervenção militar no Rio de Janeiro. O que nos interessa são os sentidos produzidos no *litígio enunciativo* e para isso, como já dissemos, analisamos o vídeo *#Intervenção é farsa* e agora analisaremos a Carta Aberta<sup>6</sup> em resposta ao vídeo, dois acontecimentos enunciativos relacionados e que têm uma relevância significativa para compreendermos como linguisticamente foram se produzindo “as certezas”.

Fizemos uma sondagem na Carta Aberta para identificarmos quais recursos linguísticos eram mobilizados para a construção dos sentidos da certeza. Observamos uma qualificação depreciativa recorrente para o *movimento #342* e suas propostas. Assim, voltamos nosso olhar para expressões e palavras que foram mobilizadas na argumentação da carta e percebemos que a designação no funcionamento argumentativo é fundamental na construção da certeza. Assim, para analisar a designação, vamos descrever o procedimento de reescrituração de ‘movimento #342’ e de suas propostas no texto da carta, juntamente com a cena enunciativa.

Por reescrituração, entendemos como o procedimento através do qual “a enunciação rediz o que já foi dito.”(2018, p. 85) Ao redizer de diferentes modos o que foi dito, torna-se possível “interpretar uma forma como diferente de si”, ou seja, outros sentidos vão sendo construídos ao longo da enunciação para aquilo que se diz, o que Guimarães chama de “operação enunciativa de atribuição de sentido (determinação semântica)”(p.86).

A reescrituração acontece por repetição, substituição, eclipse, expansão e condensação. E as relações de sentido que ocorrem podem ser: sinonímia, hiperonímia/hiponímia, especificação, definição, desenvolvimento, generalização, enumeração e totalização.

<sup>5</sup> Aqui o conceito de discurso é empregado segundo a Análise de Discurso materialista. O discurso é definido como “efeito de sentidos entre locutores” (Orlandi, 2001, p. 64).

<sup>6</sup> GHANI, A. Carta Aberta ao Movimento #342, da “turminha” do Gregório Duvivier. Disponível em: <https://www.infomoney.com.br/blogs/economia-e-politica/economia-e-politica-direto-ao-ponto/post/7312921/carta-aberta-movimento-342-turminha-gregorio-duvivier> Acesso em: 09/11/2018.

## **Cena enunciativa: Vídeo # *Intervenção é farsa* e “Carta Aberta ao movimento # 342, da turminha do Gregório Duvivier”**

A carta aberta, nosso objeto de análise, foi publicada em 1º de março de 2018 por um economista em seu blog. Nessa carta, o autor critica um vídeo que circula no *Youtube* intitulado “#*Intervenção é farsa*”<sup>7</sup> do Movimento #342 Agora. O blog em que a carta é publicada é hospedado em um site de finanças intitulado “*Infomoney*” que traz informações sobre economia, investimentos, etc.

O Movimento “#342 agora” surge quando acontece a denúncia feita pela Procuradoria Geral da República (PGR) contra o então presidente Michel Temer, suspeito de ter cometido crimes. Eram necessários 342 votos da Câmara dos Deputados para que fosse dado prosseguimento às investigações no Supremo Tribunal Federal (STF), número de votos estes que deram o nome ao movimento. Caso fosse dado prosseguimento ao processo, o presidente seria afastado de suas funções e substituído pelo presidente da Câmara.

O relator da Comissão de Constituição e Justiça da Câmara, Sérgio Zveiter (PMDB-RJ), tinha dado parecer favorável à continuidade do processo e, por isso, o relatório passou para a votação na Câmara. O movimento divulgava os contatos dos deputados em um site para que a população os pressionasse a votarem pela continuidade da investigação no Supremo Tribunal Federal. O resultado foi que a Câmara votou pelo não prosseguimento da investigação.

O movimento “#342 agora” continua, mas agora defendendo/criticando outros temas relacionados à gestão do país. Circula um vídeo do movimento no *Youtube* com a palavra de ordem “#*Intervenção é farsa*”<sup>8</sup>. Aparecem no vídeo artistas como Caetano Veloso, políticos como Marcelo Freixo, moradores de comunidades do Rio de Janeiro, intelectuais, especialistas em segurança pública, etc. Também participou a vereadora, que foi assassinada em 2018, Marielle Franco. É sobre esse vídeo que a Carta Aberta trata.

<sup>7</sup> Link do vídeo “Intervenção é farsa”: [https://www.youtube.com/watch?v=GU-Vs\\_FKDqU](https://www.youtube.com/watch?v=GU-Vs_FKDqU) Acesso em: 30/10/2018.

<sup>8</sup> Analiso este vídeo em outro artigo intitulado: “O funcionamento semântico-enunciativo do enunciado # *Intervenção é farsa* no vídeo do movimento # 342 Agora contra a intervenção militar”, que foi apresentado no 4º Congresso Latino-Americano de Glotopolítica (CLAGlo) realizado na Universidade de São Paulo (USP), na mesa temática intitulada “Lugares de resistência e questionamentos da certeza”, na linha temática “Linguagem e Movimentos sociais”. O artigo será publicado pelo evento.

A alocução, no vídeo, dá-se pela relação entre os alocutores-artistas, alocutores-profissionais da segurança, alocutores-moradores das comunidades, e os alocutários projetados como sendo aqueles que compartilham a mesma opinião, seja da classe artística, seja de parte da sociedade que não apoia a relação do Estado com os militares, e, possivelmente, aqueles que se pretende convencer de que a intervenção não é a melhor solução para o problema. Enunciam como enunciador-coletivo e esse modo de enunciar aliado aos lugares sociais legitimados dos quais enunciam garantem uma força maior à tese da farsa da intervenção e às propostas que defendem, como descrevi em uma análise anterior<sup>9</sup>.

Num segundo momento da alocução, temos a Carta aberta como resposta ou réplica ao vídeo, em que o alocutor-economista, antes um possível alocutário a ser convencido, se torna Locutor. Temos então o falante que ora é alocutário, ora alocutor, divisão política do falante na enunciação que possibilita que ele assuma a palavra.

O lugar social de economista e autor do blog descreve-se no “Perfil do autor” como “economista, mestre e doutor em finanças”, enumerando, ao lado de sua foto, instituições nacionais e internacionais nas quais estudou. O blog simula uma coluna de opinião, muito comum em grandes jornais e sites de notícias, que busca legitimar-se pela imagem que é feita do seu autor através da descrição que ele próprio faz das suas qualificações. Constrói-se de antemão este lugar social do autor como alguém “letrado”, estudado em instituições nacionais e internacionais que estaria, portanto, legitimado e, assim, autorizado a opinar sobre o assunto. E não apenas a opinar sobre o assunto mas criticar a opinião de várias pessoas, dentre as quais especialistas em segurança pública que aparecem no vídeo #Intervenção é farsa. A carta é dirigida ao movimento #342, mas como é aberta, tem como alocutários o grande público.

Note-se, entretanto, que o alocutor da carta enuncia como enunciador universal e fala do lugar social de especialista em segurança e do lugar social de economista, mas não revela em sua pequena biografia se é especialista em segurança pública, ou que seja morador de uma das comunidades, ou político engajado em causas sociais, ou policial, como é o caso dos alocutores do vídeo criticado.

---

<sup>9</sup> Sobre o artigo que contém esta análise, ver nota 5.

## **Análise da designação de *Movimento #342* e das propostas do vídeo #Intervenção é farsa na Carta Aberta**

Através de uma sondagem, percebemos que o vocabulário<sup>10</sup> mobilizado na carta pelo alocutor-economista destacava-se. Seleccionamos verbos e expressões que ora são usados para predicar o que é dito no vídeo *#Intervenção é farsa*, produzido pelo movimento *#342*, ora para predicar os integrantes do movimento. Dividimos os enunciados em 2 blocos, vejamos o que está destacado e sublinhado:

1. Substantivos, adjetivos e verbos para designar o que é dito no vídeo:
  - 1.1 O texto **desmascara** as platitudes, frases de efeito e abstrações do vídeo produzido pelo movimento *#342*.
  - 1.2 “É golpe”, “não há provas” e, agora, “intervenção é farsa” se tornaram parte de uma narrativa orquestrada por intelectuais e artistas nas universidades e na mídia.
  - 1.3 “O vídeo é um festival de platitudes, frases de efeito, abstrações e clichês marxistas.
  - 1.4 “clichezão” marxista “desigualdade causa violência”
  - 1.5 lenga lenga da desigualdade social
  - 1.6 Falaram também em serviços de integração e inteligência – certamente são expressões bonitas e de forte impacto –, mas abstratas.
2. Expressões que designam os participantes do movimento:
  - Carta aberta ao Movimento *#342*, da ‘turminha’ do Gregório Duvivier.
  - Durante 13 anos, a esquerda do Leblon, a turma da linguíça na cachaça, simplesmente desapareceu.
  - Eis que chega o governo de Michel Temer e, de repente, a turma dos inteligentistas – cools de esquerda metidos a intelectuais- reaparece com seu tom crítico.
  - É claro que a intervenção no RJ não iria ficar de fora da boca dos descolados do Leblon.

---

<sup>10</sup> Fazemos a distinção entre léxico e vocabulário. Segundo o Dicionário de Linguística da Librairie Larousse, publicado pela Cultrix no Brasil, “(...) a palavra *léxico* designa o conjunto das unidades que formam a língua de uma comunidade, de uma atividade humana, de um locutor, etc.(...) O termo léxico é então reservado à língua, o termo vocabulário ao discurso. (p.364)

- Abaixo, algumas frases dos nossos “especialistas” em segurança pública e meu comentário logo em seguida.

- O movimento # 342 faz parte desta decadência cultural.

Identificamos dois movimentos semânticos tomados como foco na carta: 1. a nomeação e a predicação, através de substantivos e adjetivos, do que é dito pelo movimento; 2. A nomeação e a predicação do próprio movimento e de quem faz parte dele através de substantivos ou expressões. Notamos também o uso de certos verbos que trazem sentidos muito específicos e que contribuem para que certos sentidos sejam produzidos.

Vejamos o subtítulo da carta:

“O texto desmascara as **platitudes, frases de efeito e abstrações** do vídeo produzido pelo Movimento #342 . Além disso, o artigo aborda o duplo padrão desta turma (crítica a Temer e silêncio nos governos petistas).

As falas dos participantes do vídeo são reescritas<sup>11</sup> no subtítulo da carta pela seguinte enumeração: *platitudes, frases de efeito, abstrações*. *Platitudes, frases de efeito, abstrações* aparecem na enunciação do Locutor para redizer as falas do vídeo a reescrevem por substituição por especificação atribuindo o sentido de fragilização ao que foi dito podendo levar os leitores da carta a interpretarem as propostas como superficiais, como algo que ficaria apenas no plano da retórica, sem condições de se concretizar.

Encontramos a expressão “soluções CONCRETAS para o problema da segurança pública no RJ”. Em seguida, a expressão “soluções concretas” é reescrita por substituição por sinonímia por “ação concreta” . Essas duas reescrituras reescrevem por generalização “intervenção federal<sup>12</sup>”.

Em seguida, aparece o adjetivo “abstratas” que determina desqualificando uma das propostas do vídeo que é dada como alternativa à intervenção. Trata-se da proposta de integrar os serviços de inteligência.

<sup>11</sup> A reescrituração é um procedimento de textualidade que consiste em redizer o que foi dito de modo a atribuir-lhe outros sentidos. (Guimarães, 2002)

<sup>12</sup> Nas diversas leituras que temos feito sobre o assunto, encontramos a expressão “intervenção federal”, que aparece na Carta Aberta, e não “Intervenção Militar” ou Intervenção federal militar”. Vemos que a especificação “militar” nem sempre aparece dependendo do lugar de quem diz.

Forma-se assim, uma antonímia entre *abstrações*, sentido que determina as propostas do vídeo “Intervenção é farsa” e *soluções concretas* ou *ação concreta* que reescrevem *intervenção militar*.

Dessa forma, o léxico vai sendo mobilizado designando de forma depreciativa as propostas feitas no vídeo. Isto coloca a intervenção militar do lado oposto às propostas, significando-a como uma atitude concreta, não idealista. Ainda nomeia como “clichezão marxista” quando se atribui a violência à “desigualdade social”.

A oposição que se faz entre **concreto** (intervenção militar) X **abstrato** – (Integração dos serviços de inteligência; clichezão marxista ‘desigualdade causa violência), é uma oposição de sentido que se dá a partir do lugar social do qual enuncia o alocutor-economista, que enuncia como enunciador universal:

“É claro que o “clichezão” marxista “desigualdade causa violência” não poderia ficar de fora. Pois é, a renda cresceu, a desigualdade diminuiu na última década no Brasil, e a criminalidade cresceu.”

Ele enuncia como se o que diz fosse uma verdade inquestionável, um dizer universal, fora da história, mas que está agenciado na enunciação por um lugar social de economista, com uma visão conservadora que se identifica a uma posição tida como de “direita<sup>13</sup>” na política.

Vários são os artigos jornalísticos que mostram, com base em estudos científicos e/ou estatísticos que a desigualdade social leva ao aumento da violência, ou então, que o aumento da quantidade de armas não diminui a violência<sup>14</sup>. Além disso, após a intervenção militar federal, há alguns artigos jornalísticos que noticiaram que a criminalidade não diminuiu embora a violência tenha aumentado<sup>15</sup>. Assim, a oposição concreto X abstrato não se sustenta, já que a mídia noticia a violência da intervenção militar e também o aumento da criminalidade.

<sup>13</sup> As aspas utilizadas aqui são para indicar que não queremos homogeneizar ou continuar a polarização entre a direita na política, e a esquerda. Há diversas posições tanto na direita quanto na esquerda, não se pode dizer que todos pensam da mesma maneira.

<sup>14</sup> Seguem alguns artigos jornalísticos que falam sobre a diminuição da desigualdade e diminuição da criminalidade associadas a políticas públicas e sobre uso de armas e aumento da violência. Seguem alguns links: <https://politica.estadao.com.br/blogs/estadao-verifica/artigo-enganoso-associa-mais-armas-a-menos-violencia/>; o artigo “Violência e desigualdade Social” disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2014/02/05/sociedad/1391629439\\_112697.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2014/02/05/sociedad/1391629439_112697.html)

<sup>15</sup> Por exemplo, artigo intitulado “Pesquisa revela que intervenção não diminuiu criminalidade no RJ.” Disponível em: <https://jovempan.com.br/programas/jornal-da-manha/pesquisa-revela-que-intervencao-nao-diminuiu-criminalidade-no-rj.html> acesso em: 30/01/2020.

O verbo *desmascarar* pode ser interpretado considerando-se que algo está encoberto pelas “platitudes, frases de efeito, abstrações” e, desse modo, o Locutor assume a tarefa de mostrar a ‘verdade’ que está ‘oculta’, ‘encoberta’, ou seja, o Locutor coloca-se no lugar daquele que mostra a verdade oculta quando mobiliza o verbo *desmascarar*.

A metáfora “narrativa orquestrada” rememora o sentido de ser uma narrativa de ficção e que esta narrativa, uma história fictícia se tomamos o discurso de teoria literária, isto é, que não tem o compromisso com a verdade, é regida, como em uma orquestra, por pessoas que defenderiam a “esquerda”.

Com isso, desenha-se o litígio entre o verdadeiro, lugar no qual o alocutor-economista se coloca defendendo a intervenção militar, como se o que dissesse fosse “neutro”, o “verdadeiro”, enquanto o “falso”, o “fictício” torna-se o lugar no qual a crítica à intervenção feita no vídeo é colocada<sup>16</sup>.

Um segundo movimento semântico dá-se pela designação através de expressões para construir certos sentidos para os que aparecem no vídeo. No título da Carta, temos o nome do movimento: *Movimento #342*, nome que é reescrito por ‘*turminha*’ do *Gregório Duvivier*, determinação que expõe o pertencimento do movimento a uma turma de uma pessoa específica. A palavra *turma* no diminutivo, acrescida das aspas simples, credita um sentido depreciativo ao movimento, podendo levar o leitor a interpretar o movimento como algo menor, sem importância ou relevância. A determinação especificadora “do Gregório Duvivier” produz o sentido de pertencimento da turma a uma pessoa específica, como se a pessoa mencionada controlasse a opinião das pessoas envolvidas, estabelecendo-se já, de início, a interpretação que os alocutários da carta deveriam ter (mas não necessariamente terão) sobre o movimento. Ou seja, já temos no título, pelo léxico e pela articulação que é feita ao nome do movimento, uma instrução de como o leitor deveria interpretar o que irá ler ao longo do texto, qual lugar social ele deveria assumir a respeito do vídeo *#Intervenção é farsa*.

As reescrituras que vão sendo mobilizadas para significar o movimento destacam a localização privilegiada em que alguns membros moram, o bairro carioca nobre do Leblon. O primeiro sentido que se produz é o de generalização, como se todos os que participam do movimento fossem financeiramente privilegiados. É o caso da

<sup>16</sup> Este artigo da folha Uol é um exemplo. Pesquisadores, defensores públicos, falam sobre o cunho político da intervenção e do foco no uso de armamento ao invés da inteligência policial, dentre outras coisas. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2018/08/intervencao-federal-no-rj-faz-6-meses-entenda-o-que-aconteceu-ate-agora.shtml> Acesso em 30/01/2020.

reescritura “*esquerda* do Leblon” que se constituiria no dizer do alocutor-economista como uma contradição, pois aqueles que se posicionam como ‘esquerda’ moram no Leblon, têm uma condição financeira privilegiada e, no entanto, são eles que lutam pelos direitos dos mais pobres.

Temos o político funcionando pela a exclusão dos que se supõe não terem direito a dizer. Na carta, apaga-se que outras pessoas que criticam a intervenção no vídeo são moradoras de comunidades do Rio de Janeiro. Apaga-se que alguns são políticos e que lutam pelas causas dos mais pobres; apaga-se que participam do vídeo um delegado e um ex-policial que vivenciam ou vivenciaram a violência; descredita os especialistas em segurança pública que falam sobre o assunto quando usa aspas na palavra *especialistas*; apaga-se o engajamento social de atores, atrizes, cantores, cantoras, etc. Ou seja, apaga-se justamente que aqueles que falam contra a intervenção são pessoas legitimadas a falarem tanto pelo lugar social que ocupam quanto por serem cidadãos de uma democracia, com direito à reivindicação e crítica sobre políticas públicas, o que a carta está desrespeitando.

A expressão “turma da linguíça na cachaça” reescreve o movimento e atribui o sentido de amigos que se reúnem em bares, à “conversa de botequim” que não deve ser levada a sério. O que a “turma” defende, portanto, seria apenas discutido nas rodas de boteco, não seriam propostas, sérias, efetivas, para serem concretizadas.

E por fim, o Locutor vai também depreciando os membros do movimento ao serem reescritos por “*intelligentistas* cools de *esquerda* metidos a intelectuais”, ou seja, não seriam intelectuais; não se trataria de pessoas que vivem nas comunidades e vivem a violência cotidianamente; não se trataria de políticos, policiais que estão em contato com as comunidades. O nome *especialistas* é escrito com aspas marcando a ironia que vai se reforçando nos comentários que ele faz, negando, a especialidade e ridicularizando suas opiniões.

Assim, a legitimidade para criticar a intervenção vai sendo minada com a designação que se constrói na carta do lugar de alocutor-economista.

É nesse jogo de nomeações e adjetivações que designam o dizer do vídeo e o movimento, que o Locutor enuncia, construindo um lugar para si de especialista e desconstruindo as propostas do movimento e a imagem dos membros do movimento. Constituem-se, assim, as condições enunciativas e semânticas que produzem o efeito de sentido de certeza.

## Algumas considerações

A carta é mais um elemento que produz sentidos sobre o que dizem da intervenção e sobre aqueles que falam contra a intervenção.

Nela, a designação do **Movimento # 342 agora** que se constitui na enunciação pelo agenciamento enunciativo o ressignifica de forma a depreciá-lo e deslegitimá-lo, como vimos. Além disso, o que é dito no vídeo intitulado *#Intervenção é farsa*, produzido pelo movimento, também é ressignificado através dos substantivos e adjetivos mobilizados para referir as propostas do movimento, deslocando as afirmações para o lugar do que é “fictício”, abstrato.

No entanto, não se trata do ‘concreto X abstrado’, ‘verdade’ X ‘mentira’. O que vemos na alocação é o litígio político de lugares sociais diferentes que produzem ‘certezas’ como evidências. No caso da carta, a figura linguística do enunciador universal enuncia a certeza como se estivesse fora da história, portanto ignorando a discussão de especialistas e estudiosos, de dados estatísticos, veiculados pela mídia ou não, que discorrem sobre a ineficácia de mais violência contra a criminalidade e sobre a necessidade de medidas de promoção social e atuação do Estado para diminuir a desigualdade social.

Wittgenstein (1969) nos diz que “quando os jogos de linguagem mudam, há uma modificação nos conceitos e, com as mudanças nos conceitos, os significados das palavras mudam também” (p. 31). Segundo Wittgenstein, expressões como “saber que” que iniciam proposições são índices que marcam a certeza. Em nosso caso, o que vemos é que a certeza se constitui como um efeito de sentido através do léxico que constitui a designação, sentidos estes constituídos pelos substantivos, adjetivos, expressões e verbos que em seu conjunto, ao depreciarem o que é dito no vídeo, constroem um sistema de certezas sobre a necessidade da intervenção. Mas isso acontece em função do agenciamento enunciativo político do falante, que enuncia do lugar social de economista, contrário às propostas do vídeo e ao próprio movimento, identificando seu dizer a um dizer conservador, tido como de ‘direita’.

Com isso, o locutor da carta organiza sua argumentação a partir do que é dito no vídeo e redistribui esse conteúdo, seleciona-o, situando-o no lugar da deslegitimidade, da abstração, da ficção. Além disso, também situa os membros do movimento como sendo “de esquerda”, uma *esquerda* também ressignificada por ele, de sua posição, como sendo formada por pessoas com dinheiro, sem legitimidade para falar por aqueles

que sofrem com a intervenção, no caso, os moradores das comunidades. Assim, com a deslegitimação, isto é, como se os que falassem não tivessem o direito de dizer, interdita-se<sup>17</sup> a crítica dos que falam contra a intervenção, excluindo-se esta crítica e aqueles que a fazem.

Inverte-se a dualidade verdadeiro/falso: se antes o vídeo do movimento chamava de farsa, agora, na carta aberta, o vídeo é que é colocado no lugar da ficção, da abstração, inversão discursiva esta que vem de encontro com a vontade de verdade (Foucault, 1970) que permeia a sociedade.

## REFERÊNCIAS

DUBOIS, J. et al. Dicionário de Linguística. Editora Cultrix, 1973.

FOUCAULT, M. A ordem do discurso.(1970) 3ª edição. Edições Loyola, São Paulo, Brasil, 1996.

GHANI, A. Carta Aberta ao Movimento #342, da “turminha” do Gregório Duvivier. Disponível em: <https://www.infomoney.com.br/blogs/economia-e-politica/economia-e-politica-direto-ao-ponto/post/7312921/carta-aberta-movimento-342-turminha-gregorio-duvivier> Acesso em: 09/11/2028.

GUIMARÃES, E. Semântica do Acontecimento. Campinas, Pontes, 2002.

\_\_\_\_\_. Análise de Texto: Procedimentos, Análises, Ensino. Campinas, Editora RG, 2011.

\_\_\_\_\_. Semântica: Enunciação e sentido. Campinas, SP: Pontes Editores, 2018.

ORLANDI, E. Texto e Discurso: formulação e circulação dos sentidos. Campinas, SP: Pontes, 2001.

PAULA MACHADO, C. de. O funcionamento semântico-enunciativo do enunciado # Intervenção é farsa no vídeo do movimento # 342 Agora contra a intervenção militar. 4º Congresso Latino-Americano de Glotopolítica (CLAGlo). (No prelo)

Vídeo “Intervenção é Farsa”. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=GU-Vs\\_FKdQU](https://www.youtube.com/watch?v=GU-Vs_FKdQU) Acesso em: 30/10/2018.

WITTGENSTEIN, L. Da Certeza. (1969). Edições 70, Lisboa, Portugal, s/d.

<sup>17</sup> Foucault (1970) nos fala da seleção, organização, redistribuição, controle da produção do discurso pela sociedade. Isso é feito por certos procedimentos que ele chama de “procedimentos de exclusão”. A interdição é não se ter o direito de dizer tudo; Há 3 tipos de interdição: tabu do objeto, ritual da circunstância, direito privilegiado ou exclusivo do sujeito que fala. Outro procedimento de exclusão: uma separação e uma rejeição, se trata da oposição entre razão e loucura. E por fim o terceiro sistema de exclusão, a oposição do verdadeiro e do falso.

Sites consultados: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2018/08/intervencao-federal-no-rj-faz-6-meses-entenda-o-que-aconteceu-ate-agora.shtml> Acesso em: 09/11/2018  
<https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2018/09/temer-admite-suspender-intervencao-militar-no-rio-para-votar-previdencia.shtml> Acesso em: 09/11/2018

Submetido em: 16/02/2020.

Aprovado em: 16/06/2020.

**Como referenciar este artigo:**

MACHADO, Carolina de Paula. O léxico na (des)construção das certezas: uma análise semântico-enunciativa da carta aberta ao *Movimento #342 agora*. revista **Linguasagem**, São Carlos, v.34, Número Temático, jan./jun. 2020, p. 47-62.